

paço para o diálogo político e social. Manter um espaço por 70 anos conservando um posicionamento crítico e reflexivo torna-se uma grande batalha. Em tempos que o rebanho está em alta, espaços como estes são como um pouco de ar.

Nota

¹Nildo Avelino. Boletim do Centro de Cultura Social. Nº 3. CCS, maio/junho 1999.



elogio no desejo, juízo na prisão

edson lopes*

Marcello Rollemberg (org). *Sempre Seu, Oscar: Uma biografia epistolar*. São Paulo, Iluminuras, 2001, 249 pp.

As cartas de Oscar Wilde são os espaços aonde sua literatura se mostra incansável, ininterrupta, diária. Não se pretende acrescentá-las a outras literaturas e comemorar a construção de “obras completas”; dispensa-se a obra como um bloco monolítico, seqüência de produções, estancamento de matérias, o coágulo de uma obra inteira. Para além da reconstrução de uma biografia pela literatura, porque não a tomar como relação limite com que se enfrenta, ironiza, faz-se uma vida? Atenta-se à leitura, a um interesse.

* Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP e integrante do Nu-Sol.

Os escritos se remetem, fazem leituras, trapaceiam, comunicam com outras artes, estabelecem conversações intertextuais com Mary Wollstonecraft, William Godwin, Kropotkin, poetisas, atrizes, Constance Wilde, Lord Alfred Douglas, a prisão e amigos. A prosa, a poesia, as peças e as correspondências de Wilde respeitam e violam o vitorianismo inglês de fim do XIX, associadas ao seu dandismo e estilo de vida que o faz dobrar em ascetismo indispensável, inspirado pelo individualismo, quando a modernidade às compleições delicadas apresenta-se como “a bainha que, ao mesmo tempo que protege, desgasta a espada” (p. 206).

Wilde e Alfred avizinham-se por *Salomé* na insistência e intertícios da sedução que não quer o desprezo e portanto decapta a seriedade da cabeça, ao determinar que o mistério do amor é maior que o mistério da morte e quando só no amor é que se deve pensar. O desejo não se acalma aos sabores das frutas, à oferta de jóias, ou visita da poesia. Há o destinatário exato a quem se diz: “você é a coisa divina que eu quero, a graça e a beleza” (p. 34). Alfred era o único garoto gracioso e nada tedioso, mesmo entre a variedade de michês; dono da lírica luminosa, garoto que atualizava a beleza helênica. Sobretudo, o amante encarnado, nu dourado.

Em uma década Wilde conheceu a celebridade nos salões britânicos e franceses, exibiu excentricidades, apaixonou-se, endividou-se até a alma, passou por três prisões e à cova simples em cemitério de indigentes.

Na prisão de Reading surpreende um ensaio irônico de sensações, memórias vilãs, juízo de paixões; última prosa, *De Profundis*. Escrita a Alfred Douglas em 80 páginas rabiscadas por letras miúdas em folhas de papel azul timbradas com armas da coroa, fornecidas uma a uma, pela direção da prisão. Wilde não revisou o texto

pronto e a carta nunca saiu de Reading. Seleciona palavras que poderiam ferir Douglas como fogo ou bisturi de cirurgião. Suas escrituras e costumes variam quando se considera um desgraçado e arruinado, quando se julga culpado por uma amizade cujo objetivo principal jamais fora a criação ou a contemplação do belo que dominava sua vida como forma superior. Julga a vaidade e inabilidade de Alfred Douglas com as finanças e lhe imputa a responsabilidade pela ruína absoluta de sua arte. Avalia suas relações pelo triunfo de uma natureza menor sobre uma maior, fracasso da personalidade que fez contrair hábitos, provou ser ruína. Assim, Alfred ganha um caráter destrutivo no aspecto ético, naquilo que poderia intensificar a personalidade do artista. O local-prisão faz sombras, atualiza a culpa na medida que se pensa constantemente no delito, potencializa a estação do pesar; substitui a um julgamento, outro julgamento. A separação voluntária de Lord Alfred Douglas é mais dolorosa. Wilde não dança; vaga, chora, odeia o anteparo de quem evita mostrar o corpo, sentencia como Salomé.

Posteriormente, escreveria duas cartas ao editor do *The Daily Chronicle* comentando a situação das prisões inglesas. Em uma, especialmente, aponta para todos os tipos de crueldades sofridas pelas crianças aprisionadas. Ridiculariza e ironiza as boas intenções dos que mantêm o sistema penal, seus excessos de humanismo. O resultado do sistema penitenciário para crianças lhe é um caso de completa falta de imaginação. A criança não entende ou compreende a punição aplicada pela sociedade, não faz a menor idéia do que seja a sociedade; é aprisionada por uma força estranha e abstrata. “Uma criança é completamente contaminada pela vida na prisão. Mas essa influência contaminadora não vem dos prisioneiros. Ela vem de todo o sistema penitencía-

rio — do diretor, do capelão, dos carcereiros, da solitária, do isolamento, da comida revoltante, das regras da Comissão da Prisão, da forma de disciplina que no entender deles, é um modo de vida” (p. 196). Embora não suporte o confinamento para crianças em celas, propõe a aplicação de penas alternativas a menores de 14 anos, como o trabalho em oficinas ou o estudo sob vigilância; e no limite, propõe reformas e espera por uma resolução da Câmara dos Comuns. Em *A alma do homem sob o socialismo*, a punição é íntima ao Estado e sistema de propriedade; portanto, suas extinções seriam simultâneas. “Não havendo punição, ou o crime deixará de existir, ou quando ocorrer, será tratado pelos médicos como uma forma de demência, que deve ser curada com afeto e compreensão”¹.

Na prisão, nada ganha mais valor para Wilde do que a mais absoluta Humildade, a aceitação de tudo. Descobre a relação íntima entre o sofrimento e a arte, intensa e extraordinária realidade, condição para a integridade dos que sofrem. Ganha romantismo, tal como o Cristo precursor do movimento. Está em relação descontínua à *A Alma do Homem sob o socialismo*. Neste o individualismo de Cristo é desconfortável, porque é desconfortável suportar tudo incondicionalmente, fosse o Estado, o governo, o socialismo autoritário, a propriedade, o casamento, ou a punição. A desobediência era-lhe virtude.

Ao sair da prisão, exilado voluntariamente, sem nome, é que Oscar Wilde supõe que a possibilidade de fazer algo de belo e novo na arte repousa na perspectiva de estar com Alfred Douglas, aprofundar-se e atravessar sua atmosfera, aquilo que cria ao redor a beleza por qual se apresenta a vida, por qual se encarnam as coisas lindas, concentram-se as cores, refazem-se as criatividades. É preciso estar ao lado.

Nota

¹ Oscar Wilde. *A alma do Homem sob o socialismo*. Rio Grande do Sul, LP&M, 1998, p. 26.

crime e sobrevivência | roberto barbato jr*

Luiz Alberto Mendez. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 478 pp.

Em *Memórias de um sobrevivente*, Luis Alberto Mendes relata sua trajetória pessoal, vivida entre a liberdade e o confinamento. Não é apenas um livro de memórias, mas um claro painel do sistema carcerário brasileiro desde a década de sessenta até os nossos dias. Nele, percorremos o cotidiano dos institutos de correção para menores e da famosa Casa de Detenção. Engana-se, contudo, o leitor que supõe tratar-se de uma denúncia escandalosa das condições da estrutura prisional. Antes, o que encontramos é uma revelação concreta, porque baseada em passagens de sua vida. É por meio delas, aliás, que toda a tessitura do sistema carcerário nos é descrita. As circunstâncias narradas, conhecidas de tantos leitores que já ouviram relatos semelhantes, não são produtos de inventivas literárias, mas recordações daquele que se supõe um sobrevivente na seara penal.

* Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP e professor de Sociologia da Universidade Paulista, UNIP.